

BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

UMA REFLEXÃO SOBRE O PAI-NOSSO (6,7-15)

O Pai-nosso é a oração que Jesus ensinou a seus discípulos; ela contém a síntese do projeto de Jesus. A oração é dirigida ao Pai: "Pai nosso que estás nos céus". Aqui, podemos observar dois elementos fundamentais: em primeiro lugar reforça a filiação com Deus e a irmandade, a fraternidade solidária. Se não vivemos a fraternidade, se não vivemos como irmãos e irmãs, a oração do *Pai-nosso* em nossos lábios é mentirosa. A oração não é dirigida ao imperador ou a outra divindade, mas ao Deus criador.

Muitos povos invocaram a Deus como "pai" ou "mãe". Essa expressão indica relação de proximidade, confiança e respeito. Chamar a Deus de pai é reconhecer que ele é a fonte da vida e o Senhor. Na experiência do povo de Israel, a concepção de Deus como pai nasce junto com a compreensão de povo eleito, após o exílio da Babilônia: "Com efeito, tu és nosso pai. Ainda que Abraão não nos reconhecesse e Israel não tomasse conhecimento de nós, tu, Javé, és nosso pai, nosso redentor: tal é teu nome desde a antiguidade" (Is 63,16; cf. Is 64,7). Deus é visto como um pai amoroso que sempre esteve presente na história do seu povo.

No Antigo Testamento, o título de pai para Deus era um título entre outros. Em Jesus é que vamos entender o que significa chamar a Deus de pai. Ao falar com Deus, Jesus o chama de *Abba*, um termo carinhoso usado pelas crianças para dirigir-se a seu pai. Chamar a Deus de papai ou de paizinho implica relação de intimidade, confiança, afeto, ternura. Ao ensinar a oração do *Pai-nosso*, Jesus quer que seus discípulos e discípulas desenvolvam a mesma relação de intimidade com Deus. Nos escritos de Paulo, lemos: "Não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: *Abba! Pai!*" (Rm 8,15). Quando rezamos o *Pai-nosso*, deixamos aflorar em nosso ser o espírito de filhos e filhas de Deus?

Em seguida, de maneira direta, temos os pedidos: "Santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade" (6,9b-10). Esses pedidos estão voltados para Deus: nome, reino e vontade. O nome de Deus só será santificado quando houver condições dignas de vida, e quando vivermos na justiça, na fraternidade e na solidariedade. Na cultura judaica, o nome de uma pessoa ou de um objeto expressa o seu próprio ser. Santificar o nome de Deus é reconhecer a sua presença como um Deus amigo, amoroso e fiel. O nome de Deus continua sendo desprezado toda vez que seus filhos e filhas são explorados e injustiçados. Para que o nome de Deus seja glorificado, é preciso que vivamos como irmãs e irmãos.

"Venha o teu Reino" é o desejo de que o reino de Deus se torne realidade entre nós. Um reino de justiça, paz e segurança. O reino de Deus ultrapassa as paredes da Igreja, ele está presente em todos os lugares onde reina o amor e a justiça. A chegada do reino de Deus é uma boa notícia para os pobres (5,3), as principais vítimas do sistema. O reino de Deus só se realizará quando cada pessoa que assume o projeto de Jesus estiver disposta a viver a justiça: "Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (6,33). É preciso arregaçar as mangas e trabalhar na construção de um mundo fraterno e solidário.

Qual é a vontade de Deus? Acreditamos que Deus é o Deus da vida e a sua vontade só pode ser vida em plenitude para o ser humano, para todos os seres e formas de vida. Com este pedido nos predispomos a escutar e acolher a vontade de Deus. O importante não é o nosso anseio ou o nosso desejo, mas abrir-se à vontade do Pai, o que não significa também anular a nossa vontade, mas orientar nossas disposições para o bem. Que a vontade de Deus atinja a totalidade do universo: "na terra como no céu!" (6,10).



Manter-se firme na vontade do Pai não é fácil. Exige coerência e constante renovação do compromisso com a causa da justiça. Esse projeto só se realiza quando há entrega: “Meu Pai, se não é possível que esta taça passe sem que eu a beba, seja feita a tua vontade” (26,42). Cumprir a vontade do Pai nos congrega na família de Jesus: “Aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (12,50).

Após os três pedidos relacionados a Deus, a oração volta a sua atenção para as necessidades cotidianas: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, “perdoa-nos as nossas dívidas”, “não nos submetas à tentação”, “livra-nos do Maligno” (6,11-13). O pedido do pão de cada dia não visa ao acúmulo, mas à sobrevivência. No livro de Provérbios encontramos o mesmo pedido: “afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem riqueza e nem pobreza, concede-me o meu pedaço de pão” (Pr 30,8). O pão simboliza o alimento. É o pobre que pede o alimento para a sua própria subsistência.

O apelo profético do livro do Terceiro Isaías tem de continuar sempre vivo nas comunidades cristãs de todos os tempos: o jejum que agrada a Deus é “repartir o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu e em não te esconderes daquele que é tua carne” (Is 58,7).

“O perdão das dívidas!” Na realidade das comunidades cristãs, muitas pessoas estavam enfrentando dívidas. Em Mateus 18,23-35, há uma parábola que expressa bem essa realidade, nos últimos versículos lemos: “Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: ‘Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida, porque me rogaste. Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?’. Assim, encolerizado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse toda a sua dívida. Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão” (18,32-34).

O perdão de Deus exige justiça! Deus é misericordioso, ele sempre nos concede o seu perdão (Sl

25,11.18; 32,1; 79,9). Mas a maneira de receber o perdão de Deus é perdoando e vivendo o amor: “Porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem até o que tem lhe será tirado” (25,29). Assim, o perdão e o amor de Deus devem nos levar a perdoar e amar as pessoas com as quais convivemos e entramos em contato em nosso dia a dia, assumindo a mesma atitude do Pai. O caminho do perdão e do amor não é fácil, é um aprendizado constante!

“Não nos submetas à tentação.” Não pedimos a Deus que ele afaste de nós as tentações, mas que nos dê forças para superá-las. Há muitas forças que nos arrastam para o caminho do mal. Somos pessoas frágeis e só podemos vencer com o auxílio de Deus. Com esse pedido, expressamos nossa confiança em Deus, que é maior do que a realidade do mal. É preciso acreditar que o bem sempre vence.

“Livra-nos do Maligno” é o último apelo da oração do *Pai-nosso*. Essa súplica só aparece no evangelho de Mateus. Nos evangelhos, o Maligno é aquele que luta contra o reinado de Deus e impede que a semente do reino de Deus crie raízes no coração das pessoas: “Vem o Maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho” (13,19). Ele é o responsável pela presença do mal: “Veio o inimigo e semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora” (13,25). A todo momento somos tentados pelo mal.

O mal muitas vezes está dentro de nós mesmos, como afirma a carta de Tiago: “Ninguém, ao ser provado, deve dizer: ‘É Deus que me prova’, pois Deus não pode ser provado pelo mal e a ninguém prova. Antes, cada qual é provado pela própria concupiscência, que o arrasta e seduz” (Tg 1,13-14). Que o Pai nos livre do mal. Essa oração é um programa de vida para a pessoa cristã e um guia para uma vida cristã coerente. A última palavra é o amém. A nossa confirmação de que estamos de acordo com esse projeto e ao nosso compromisso de dar continuidade ao projeto do Reino. Que o nosso Pai esteja conosco hoje e sempre, amém!





APROFUNDAMENTO II

DIFERENTES MODELOS DE COMUNIDADES CRISTÃS

Simão Pedro, respondendo, disse: "Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo". Jesus respondeu-lhe: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus" (16,16-19).

Nesse texto redacional e exclusivo do evangelho de Mateus, a figura de Pedro ganha supremacia à frente das comunidades de Mateus, oriundas do judaísmo, que estavam em oposição com os judeus fariseus por volta do ano 85 d.C. O conflito severo e até arrasador talvez tenha induzido as comunidades de Mateus a fortalecer sua unidade e organização: Pedro, com autoridade, tem em suas mãos as chaves do Reino de Deus. Ele é apresentado como chefe supremo para ligar e desligar do Reino, ou seja, admitir e excluir das comunidades. No processo de institucionalização das comunidades cristãs aconteceu o fortalecimento da autoridade.

Há outros sinais de fortalecimento da organização das comunidades de Mateus. Por exemplo, entre os evangelhos, somente Mateus utiliza o termo *ecclesia* (termo que no grego significa assembleia, e que depois será traduzido como igreja, 16,18; 18,17), com um certo grau de organização: poder de julgar, perdoar e condenar (16,19), direito de excluir ou excomungar (18,17-20), de se reunir para celebrar a ceia do Senhor (26,26-29), de batizar (28,19) etc. Um modelo mais estruturado da Igreja!

Ao ler o Novo Testamento ou Segundo Testamento, é evidente que encontramos a diversidade de realidades, preocupações e modelos das comunidades cristãs. Eis aqui alguns exemplos:

1) Diversidade e unidade na comunidade cristã de Corinto:

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos (1Cor 12,4-7).

A comunidade cristã de Corinto é formada por pobres e ricos, provenientes de diferentes etnias e culturas. Uma comunidade que enfrenta divisões e rixas internas nos anos 50 d.C.: " 'Eu sou de Paulo!', ou 'Eu sou de Apolo!', ou 'Eu sou de Cefas', ou 'Eu sou de Cristo!'" (1Cor 1,12; cf.

1Cor 11,17-34). Enfrenta o escândalo, a ostentação e a injustiça: "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade" (1Cor 13,4-6; cf. 1Cor 5,1-13; 6,1-11).

Diante dessa realidade, Paulo afirma que a igreja toda é vista como um só corpo de Cristo, onde o poder do Espírito de Cristo atua nos seus membros (1Cor 12,12-30). Qualquer dom ou trabalho de cada membro não é mérito individual ou recompensa, mas gratuidade de Deus. Deve servir ao bem comum da Igreja para vivenciar e testemunhar as palavras e práticas de Jesus Cristo: "Anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1Cor 1,23-25).

2) Os cristãos vindos do judaísmo e os provenientes da gentilidade no livro dos Atos dos Apóstolos:

Irmãos, vós sabeis que desde os primeiros dias aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvíssemos os gentios a palavra da Boa-Nova e abraçassem a fé. Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando seus corações pela fé. Agora, pois, porque tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós pudemos suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma que eles (At 15,7-11).

A primeira assembleia da igreja cristã, realizada em torno do ano 50 d.C., em Jerusalém, debateu uma questão muito polêmica: a circuncisão segundo a Lei de Moisés devia ou não ser exigida dos não judeus? O debate é narrado em Atos 15,1-29 e em Gálatas 2,1-10. O estudo comparativo das duas versões afirma que Atos apresenta uma releitura das comunidades cristãs sobre a primeira assembleia a partir da realidade da Ásia Menor por volta do ano 85 d.C.

Nesse período, os judeus cristãos estavam muito próximos do momento em que ocorreria a sua expulsão das sinagogas, talvez até alguns já tinham sido excluídos da comunidade judaica por causa da polêmica e do conflito com as autoridades religiosas judaicas, ou





seja, dos judeus fariseus. O movimento cristão, nascido no seio da cultura judaica da Galileia, já tinha se expandido para fora da Palestina e tinha sido obrigado a conviver com outras culturas e tradições como no caso das comunidades de Lucas, na Ásia Menor. O amor pela unidade e fraternidade talvez tenha induzido, em nova realidade, o movimento cristão a organizar as normas e as comunidades de forma diferente.

3) A comunidade joanina:

Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer (Jo 15,12-15).

A comunidade joanina, por ser aberta aos samaritanos (Jo 4; 8,48), por acolher gregos e gentios (Jo 7,35; 11,53; 12,20); por atribuir papéis de liderança às mulheres (Jo 4; 11,27), por aceitar a proposta de Jesus e vivê-la de uma forma mais profunda e radical depois de ter sido expulsa do judaísmo (Jo 9,22; 12,42; 16,2), viveu uma situação de constante conflito externo e interno. Enfrentou forte perseguição dos judeus fariseus e do Império Romano, por volta do ano 95 d.C.: “Expulsar-vos-ão das sinagogas. Mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus” (Jo 16,2; cf. Jo 9). Também, a diversidade de grupos existentes na comunidade, como ex-fariseus (Jo 3), samaritanos (Jo 4), gregos (Jo 7,35), entre outros, provocou discussões e atritos dentro da própria comunidade, mas também com outras comunidades que não viviam o seguimento de Jesus com a mesma radicalidade: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida” (1Jo 3,15); “Quem ama a Deus, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso” (1Jo 4,20).

Esses conflitos fizeram a comunidade buscar fortalecer, ainda mais, o laço de amor e solidariedade entre as pessoas: “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,18). A comunidade joanina permaneceu fiel às palavras e práticas de Jesus porque acreditou em Jesus com a ressurreição e a vida acontecendo no tempo presente (Jo 11 e 20) e, enfim, experimentou que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14; cf. 1Jo 1,1-4).

4) As comunidades na primeira carta de Pedro:

Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mes-

mo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em edifício espiritual, dedikai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo (1Pd 2,4-5).

Nas comunidades cristãs de várias regiões da Ásia Menor, que receberam a Primeira Carta de Pedro por volta do ano 90 d.C., havia estrangeiros residentes, forasteiros, escravos, mulheres de maridos não cristãos etc. A maioria não tinha cidadania plena. Não podia ter terra, receber ou transferir herança, não tinha direito de votar nem mesmo podia casar com cidadãos. Era desprezada e rejeitada pela sociedade e vivia na insegurança. Por isso, a primeira carta de Pedro orienta: “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor” (1Pd 2,13). A submissão à autoridade era uma questão de sobrevivência. Não era uma submissão ingênua, mas consciente, com o objetivo de evangelizar por meio da prática do bem e do amor, em meio às situações de opressão e insegurança (1Pd 2,13—3,17).

Para a vivência interna da comunidade, a primeira carta de Pedro também lembra que esse grupo de excluídos foi eleito por Deus para formar um “sacerdócio santo”. Agora, o sacrifício será a oferta da própria vida, que se concretiza no culto, no serviço, na doação, no amor recíproco, na entrega cotidiana. Nessa nova prática, cada pessoa é chamada a assumir o sacerdócio. O trabalho e o poder são partilhados. Com a honra e o respeito de serem eleitos e abençoados por Deus, os excluídos se comprometem na organização da comunidade e na construção de uma nova sociedade de fraternidade: “Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito. Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isso fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção” (1Pd 3,8-9).

Essas passagens do Novo Testamento mostram claramente que as comunidades cristãs ou igrejas locais têm seus problemas e suas próprias organizações, devido a suas realidades diferentes. As comunidades cristãs são os meios por meio dos quais as palavras, a prática e a vida de Jesus de Nazaré são experimentadas e transmitidas. Em princípio, as comunidades devem ser um dos espaços onde seus membros experimentam a presença viva de Jesus Cristo em seu meio: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** José Dias Goulart — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - Fax (11) 5579-3627 - editorial@paulus.com.br - www.paulus.com.br — **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

